É muito importante fazer avaliações dos OAP que realizamos depois de aplicados para termos uma visão clara das vantagens e potencialidades do objeto no contexto. Assim podemos detectar o que deve ser melhorado e identificar o que pode ou deve ser mudado. Por outra parte se fazemos avaliações poderemos argumentar sobre suas qualidades na hora de divulgar o trabalho que realizamos ou elaborar fichas técnicas com [metadados](http://metadados.bn.pt/) para que possam ser facilmente encontrados. Para submeter nossos OAP em bancos de OA é necessário que os metadados estejam completos. Poderemos também ter parâmetros claros para analisar outros OA que a indústria oferece.

Mas, a avaliação da aprendizagem no ensino das artes visuais nos coloca frente um dilema crucial na educação. As artes visuais requerem de critérios qualitativos que devem se transformar em valores quantitativos para funcionar dentro do modelo de educação tradicional. Esta é uma das grandes dificuldades no ensino das artes visuais, mas é justamente esta suposta incompatibilidade que conduz o ensino da arte a se sujeitar ao modelo cientificista de avaliação que procura avaliar conteúdos, se estrutura em níveis de aprendizagem e se aplica de maneira homogênea como uma forma de avaliar equitativamente. Mas esta visão é instrumento de algo oposto: não há lugar para a singularidade ou a pluralidade. O sujeito não é reconhecido pois não se reconhece a sua diferença e não se permite a ele ou ela discordar, ser dissidente. A diferença e a dissidência são fatores estranhos a uma avaliação no modelo cientificista quantitativo.

Estamos assistindo hoje a uma mudança deste modelo. As avaliações no Brasil como o [Programa de Avaliação Seriada PAS](http://www.cespe.unb.br/pas/) da Universidade de Brasília e o [Exame Nacional do Ensino Médio ENEM](http://vestibular.brasilescola.com/enem/), por exemplo. Estas avaliações promovem uma seleção para o ensino superior tendo em conta a capacidade de relacionar o conhecimento à realidade e de maneira analítica, reflexiva e crítica. Neste sentido não se trata de conteúdos mas de capacidades. Os conteúdos, sejam estes para o ingresso ao ensino superior ou não, são um ponto de deliberação, são o pretexto para trabalhar as capacidades humanas.

Nesta perspectiva a avaliação em artes visuais não é direcionada aos conteúdos, mas ás competências estéticas e poéticas que enriquecem as sociedades. O que necessitamos para pensar a avaliação?. Em primeiro lugar, pensar a avaliação como uma forma de dar valor a um processo e a um produto. Esse valor é relativo ao espaço-tempo e a comunidade à que pertence. Um valor é um julgamento, já a nota é uma medida que damos aos valores. Para dar valor a algo estabelecemos critérios e para avaliar esses critérios, escolhemos instrumentos adequados para observar e dar valor. Dar valor por outra parte, não é uma atividade unilateral, é coletiva pois os valores são coletivos. Nossos instrumentos e critérios podem ser democráticos, podem incluir os espaços de diferença e dissidência.

Os OA e os OAP podem oferecer dois momentos avaliativos. O primeiro, dos que aprendem, em que se julga o valor do processo e do produto de aprendizagem e o segundo, dos que ensinam, em que se atribui um valor ao processo e ao produto do ensino. Estes dois momentos avaliativos podem ser coletivos, com critérios e instrumentos que promovam uma relação com as subjetividades. Uma valoração assim deve ter em conta o singular (contextual, situado, existencial) e por tanto o plural (diverso, complexo, relacional). Avaliar pode ser uma ação democrática; entendendo a democracia como o espaço, não do consenso, mas do dissenso, como defende Jacques Rancière (2002, 2005, 2009, 2011, 2012), onde a diferença e a dissidência possam ser visualizadas.

A diferença, então, entre uma avaliação que procura processos e resultados homogêneos quantificáveis e uma avaliação que procura processos e resultados singulares e qualificáveis é uma diferença política porque promove a democracia na construção da subjetividade e das relações sociais. Se avaliamos as capacidades, estamos avaliando uma complexa rede de situações que envolvem estas capacidades.

Por este motivo critérios e instrumentos de avaliação ou valoração devem ser pensados em todo o processo. Aqui se apresentam algumas sugestões para avaliar os OA e os OAP, que, dependendo do contexto e dos objetivos, podem ser enriquecidos, ampliados, intercambiados:

1.      **Instrumentos**. Para avaliar um OAP podemos usar os seguintes instrumentos:

Num primeiro momento os instrumentos de avaliação para os processos e os produtos da aprendizagem:

O próprio OA ou OAP já inclui um processo de valoração dos processo e do produto, como os webquests, ou os jogos.

Processos e produtos gerados pelos OAP e pelos eventos que desencadeiam.

Portfólio de OAP

Projetos de trabalho

Produção analítica, crítica e reflexiva

Num segundo momento os instrumentos de avaliação para os processos e os produtos de ensino:

Análise das diversas fases de um OA. Liane Tarouco do Centro Interdisciplinar de Novas tecnologias na Educação, CINTED, da UFRGS nos oferece um [excelente manual para avaliar Objetos de Aprendizagem.](http://penta2.ufrgs.br/edu/objetosaprendizagem/sld001.htm).

Enquêtes

Registros do processo com vídeos, fotografias, desenhos ou gravações de voz.

 2.   **Critérios**. Por uma parte os critérios para avaliar os processos e produtos da aprendizagem são diversos e situados, por outra os critérios para avaliar os processos e produtos do ensino se ajustam a uma funcionalidade e a um caráter que responde tanto à pedagogia como a arte e ao entorno tecnológico. Por tanto nossos critérios avançam em três áreas conjuntas: o que há de pedagógico no objeto, o que há de poético no objeto e o que há de contemporâneo em ambos. Os OAP podem variar dependendo do objeto, dos objetivos de ensino-aprendizagem e das condições de produção e aplicação, mas de maneira geral existem abordagens que podem nos proporcionar uma série de parâmetros que são usados para OA digitais como o [sistema Merlot](http://www.merlot.org/merlot/index.htm), [OIT](https://oit.utk.edu/instructional/strategies/toolkit/Pages/default.aspx), [EDUCAUSE](http://www.educause.edu/), entre outros (ver COCHANSKI, 2009; SILVA, 2011) que enfatizam especialmente sobre a funcionalidade e a tecnologia.

No entanto é importante lembrar que quando se trata de OAP aplicados ao ensino das artes visuais para os dois tempos da avaliação educacional podemos basear nossos critérios de avaliação nos seguintes indicadores:

**·        O OAP favorece ou promove resultados singulares, não homogêneos**: Um OAP requer uma abertura a respostas singulares, por tanto, a maneira como as perguntas ou as propostas se articulam pode criar espaços de subjetivação em que os estudantes participam. É importante que sejam perguntas ou propostas que permitam abrir caminhos singulares. Esta singularidade não é somente individual, é também coletiva e se refere a um contexto do qual faz parte. Nos OAP é possível avaliar o estudante na sua singularidade dentro da pluralidade social.

**·         O OAP favorece ou promove experiências estéticas**: a estética é uma rama da filosofia moderna que trata sobre a beleza e/ou a arte. Mas, na concepção clássica a estética estava relacionada ao sensível, aesthesis;  seu antônimo é anaesthesis que está na origem da palavra anestesia. Dewey retoma esta ideia de estética e argumenta que na experiência estética não há distinção entre sensação, sentimento e intelecto, por tanto é uma experiência corporificada em que sentir é pensar. Se trata então de uma experiência sensível e carregada de significado que, como pensava Dewey (210), acontece na relação entre o sujeito e o objeto. Desta maneira um OAP não só incentiva a poética, que é o produzir, mas também a estética que é a qualidade da experiência. Sentir e produzir são duas dimensões importantes de um OAP.  Nos OAP é possível avaliar como estas experiências produzem outras experiências de vida nos estudantes.

**·         O OAP favorece ou promove a imaginação**: a imaginação faz possível o pensamento emancipado, como pensava bell hooks (1995) se eliminamos a imaginação da educação o trabalho de colonização do pensamento estará completo. A imaginação é aquela que nos permite em primeiro lugar cultivar a esperança de um mundo melhor porque sempre abre o horizonte para imaginar aquilo que poderia ser de outra maneira. No ensino das artes visuais a imaginação é, não só alicerce para a criatividade, a originalidade, a singularidade ou a subjetividade, mas também para emancipar o pensamento.  Um OA só pode ser um OAP se proporciona uma abertura á imaginação. Nos OAP pode-se avaliar o uso da imaginação na construção do conhecimento.

**·         O OAP favorece ou promove a criação de territórios de subjetivação**: a nossa identidade não só se forma na cultura em que vivemos mas também pode ser criada no processo de experiência no mundo e isto inclui a relação com os artefatos e a natureza. Por outra parte a identidade não é fixa nem única pois estamos sempre em processo de ser e de mudar. No ensino das artes visuais é importante por este motivo valorizar a identidade como uma relação com o mundo, a capacidade que temos de compreender outras identidades e o espaço de reconhecimento da alteridade (MISKOLCI, 2012). Nos OAP podem-se avaliar os processos de construção das identidades.

**·         O OAP favorece ou promove a diferença e o dissenso**: ao invés de transmitir conteúdos para que os estudantes assimilem informações de maneira homogênea, acrítica, superficial e impessoal os OAP favorecem ou promovem o valor da diferença e do dissenso que provocam rachaduras na ordem das coisas. Estas rachaduras, como argumenta Rancière (2009), são estéticas porque ativam a habilidade para pensar o contraditório, o diferente, o desconhecido, o novo, o surpreendente, o inesperado e nos mostram que existem outras formas de ver, de interpretar e de fazer. O que caracteriza a experiência estética e poética da arte é a capacidade de ser diferente, singular e dissidente. Por este motivo um OAP se propõe autoral onde os participantes são autores ou coautores do objeto. Os OAP podem dar espaço para respostas que ainda não se conhecem, que ainda não foram pensadas, que estão em potência.